

Cemitérios e mausoléus militares no Brasil: o embate entre o laico e o confessional

ADRIANE PIOVEZAN^{1*}

Um dos mais importantes historiadores que abordaram o tema da morte Phillippe Ariès, confessa que seu interesse pelo assunto nasceu de uma preocupação pessoal: seu irmão havia morrido durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a família decidira retirar o seu corpo de um cemitério militar por achar que o mesmo era mal cuidado, trasladando os restos mortais do jovem soldado para outro cemitério, construído para homenagear os caídos em guerra (ARIÈS, 1994:163). Ainda que em um primeiro momento, o historiador francês achasse que o certo seria deixar os restos mortais de seu irmão com seus companheiros de guerra, ele identifica que a opção da maioria dos familiares foi a mesma que sua família teve, ou seja, levar seus mortos para jazigos familiares ao invés de confiá-los à pátria.

Este evento, vivenciado por milhares de pessoas com maior intensidade após os conflitos mundiais, indica como as sociedades contemporâneas discutem sua relação e atitudes diante da morte e principalmente permite ao historiador perceber as mudanças destas relações ao longo do tempo.

Não surpreende que um conflito de tais proporções, que atingiu a cifra de mais de vinte e seis milhões de soldados mortos tenha provocado tantas reflexões na sociedade como um todo e mais precisamente na história. A humanidade assistia a um contexto em que a tecnologia disponível era aproveitada e criada especificamente para exterminar a si própria em proporções não vistas até então.

Se a idéia de igualdade diante da morte esteve presente no imaginário das sociedades, o extenso número de jovens mortos durante o conflito confirmou que todos eles eram iguais e que pertenceriam a um mesmo grupo de mortos. O indivíduo passava a pertencer a uma “família”, no caso seus colegas de batalhão.

Esta tendência tem início com o fim da Primeira Guerra Mundial, onde assiste-se a um fenômeno antes não percebido, a proliferação de memoriais e mausoléus coletivos aos mortos e a figura do soldado desconhecido caído em guerra.

*Doutoranda UFPR, Bolsista CAPES/REUNI

Embora não tenhamos participado diretamente da Primeira Guerra Mundial, este tipo de monumento também começou a aparecer no Brasil a partir dos anos 30, em que há a substituição da homenagem ao oficial superior pela idéia de coletivo, em que todos são soldados. Neste sentido, tais monumentos buscavam homenagear o indivíduo como membro de algo maior, no caso a nação e desta forma também se referir a própria instituição das Forças Armadas.

O presente artigo procura analisar como esta noção foi assimilada no Brasil, onde neste mesmo período começam a surgir inúmeros mausoléus coletivos de caráter patriótico, em diversos conflitos civis e como a idéia de um consenso em torno destes heróis da pátria esteve envolto em contradições e questionamentos e em relação a própria atitude diante da morte da sociedade brasileira.

Alguns destes monumentos são: os mortos brasileiros caídos nos conflitos de 1924, o Mausoléu aos mortos do Movimento Tenentista localizados no Cemitério São João Batista no Rio de Janeiro; o Mausoléu aos caídos na Revolução Constitucionalista de 1932, no Parque do Ibirapuera em São Paulo; o Mausoléu dos Mortos na Intentona Comunista de 1935 na Praia Vermelha no Rio de Janeiro; o Mausoléu dos mortos na Intentona Integralista de 1938 também localizado no Cemitério São João Batista no Rio de Janeiro; dois Mausoléus dos Aviadores, um de 1941 e o outro de 1957, ambos no São João Batista.

Um outro monumento importante neste panorama é o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro. A partir deste monumento é possível problematizar a questão da relação da sociedade brasileira diante da morte.

Originalmente os nossos soldados mortos durante a Segunda Guerra Mundial foram enterrados em um cemitério militar na cidade de Pistóia na Itália, permanecendo neste local até 1960. Neste ano seus restos mortais foram trasladados para um monumento construído especialmente para guardar estas urnas e servir de memória destes indivíduos e da guerra, no caso o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, mais conhecido como Monumento aos Pracinhas.

Os estudos cemiteriais no Brasil

Recentemente os estudos cemiteriais no Brasil apresentam-se com mais freqüência, mas ainda assim o número é pequeno em relação a quantidade de problemáticas que podem ser geradas a partir da riqueza deste tipo de fontes. Igualmente negligenciados são os trabalhos que destacam as atitudes e representações diante da morte em tempos de guerra.

Raros ainda são os estudos que se dedicam às questões dos monumentos fúnebres de caráter cívico entre os historiadores. Embora seja um tema bem trabalhado pela historiografia européia, como o já clássico *War and Remembrance* organizado por Jay Winter (WINTER, 1999), o assunto não foi devidamente explorado no campo historiográfico brasileiro.

Nas obras listadas na coletânea *Estudos Cemiteriais no Brasil* (BORGES, 2010), poucos são os pesquisadores que se interessaram pela questão do mausoléu cívico. Exceção é o trabalho de Tathyane Ferreira Hofke. Neste artigo, a autora analisa dois mausoléus aos aviadores, localizados no Cemitério São João Batista no Rio de Janeiro em que a possível identidade de um grupo foi transformada em homenagem repleta de simbolismo que enalteceria aspectos destes indivíduos enquanto cumpridores de seu dever cívico.

Ainda assim, este trabalho e a pesquisa de sobre o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no aterro do Flamengo, também localizado no Rio de Janeiro de Ricardo de Souza Rocha (ROCHA, 2007), dedicaram-se mais aos aspectos artísticos e arquitetônicos destas obras. Ainda existe a carência de uma análise mais detalhada da existência destes e de outros monumentos a partir das problemáticas da história.

A existência destes estudos como já foi citada acima, muito mais comum nos casos europeus e norte-americanos deve-se ao fato de que estas sociedades tiveram um contato direto e amplo com os problemas referentes à destinação de soldados caídos em batalhas. No nosso caso, ainda que a participação no primeiro conflito foi indireta, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial também foi tímida. Também assistimos a conflitos internos, em que o grupo combatente morto passou a merecer homenagens coletivas, mas o consenso sobre a construção deste tipo de mausoléu sempre provocou inúmeros conflitos.

Como notou Michel Vovelle (VOVELLE, 1997), a substituição de monumentos coletivos no lugar do herói individual é uma marca relevante do período pós Primeira Guerra Mundial.

Encontramos diversos mausoléus e projetos dos mesmos no Brasil com intenção de homenagear os combatentes mortos na Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo, por exemplo, mas este fato como se trata de uma guerra civil, sempre ficou envolto por controvérsias que dificultaram um consenso em relação à destinação dos restos mortais destes soldados. Até hoje nem todos os combatentes deste conflito estão no Mausoléu aos Mortos de 32, no Parque do Ibirapuera em São Paulo que demorou décadas para ficar pronto, transferidas algumas urnas funerárias na década de 70, a discussão institucional sobre quem deve conservar o monumento até bem pouco tempo atrás era motivo de intensos embates entre poder público

municipal e estadual. Além disso, muitos familiares preferem deixar os restos mortais dos participantes do conflito em jazigos familiares particulares, na intenção de conservá-los e homenageá-los, além de muitos preferirem externalizar nestes túmulos aspectos confessionais da religião católica, por exemplo, que são inexistentes nos mausoléus coletivos cívicos.

Este caso é bem diferente do conflito mundial que se iniciou em 1939 na Europa, em que todos tinham um inimigo comum e em que todos morreram pela mesma causa, o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Aterro do Flamengo, desde seu projeto possuiu um consenso em relação aos custeios e manutenção do monumento, ou seja, o Exército Brasileiro.

Motivos de conflito, porém, também existiram, desde a própria necessidade de transladar os corpos como elementos de ordem arquitetônica e simbólica em relação ao local que abrigaria este mausoléu.

Desta forma, nos dedicamos a questão específica de como a sociedade brasileira trabalhou com seus 462 mortos, sua destinação e sua homenagem em sua pequena, mas emblemática participação neste conflito.

As transformações das atitudes em relação aos mortos

Fenômeno não restrito ao Brasil, mas de uma maneira geral mundial, encontramos no final do século XIX a maior secularização dos rituais destinados à morte. Ainda que com temporalidades diferentes, a sociedade ocidental de uma maneira geral passou a valorizar a questão higiênica e a defender a total separação da sociedade dos vivos e dos mortos.

Fenômeno denominado pelos historiadores como sendo a chamada “morte burguesa”, em que entre outros fatores, a morte aparece negada, impossibilitada de ser vivenciada, o luto é interdito e os mortos são rapidamente separados da sociedade dos vivos, além de que a morte não é mais assistida como momento público e passa a ser confinada nos hospitais.

Diante de tais considerações, Michel Vovelle enfatiza que os monumentos modernos funerários têm por característica a democratização e funcionalização da representação da morte em favor dos vivos. Interessante neste ponto é observar que o próprio Monumento aos Mortos na Segunda Guerra Mundial é mais conhecido como Monumento aos Pracinhas, ou seja, até mesmo o termo morte é “esquecido” na referência ao local.

O mesmo historiador indicou neste período como o ciclo de nascimento, vida e morte do monumento "comemorativo", definitivamente após o final da Segunda Guerra Mundial em

que foram totalmente abandonadas as fórmulas triunfalistas, com a construção de monumentos abstratos e antimonumentos.

Ainda nesta questão das transformações das atitudes em relação à morte, Michel Vovelle destaca as características comuns do modelo "contemporâneo" do monumento aos mortos. Nestes existe a igualização progressiva, em que ocorre a substituição do monumento ao general vitorioso por um túmulo do soldado desconhecido. Esta mudança teria esta função de atenuante na hierarquização do papel do indivíduo na guerra.

Destaca-se na análise do historiador o fato de que tais aspectos difundiriam mais o monumento, em que ocorre a total substituição do caráter religioso ou expiatório, tornando o monumento coletivo mais coerente com a intenção de transmitir uma mensagem política funcional.

É neste sentido que nos dedicamos ao caso do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial localizado no Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro.

O caso do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial

Se raros são os estudos das atitudes diante da morte no Brasil no século XX, poucos também são os trabalhos acadêmicos elaborados sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Neste aspecto, destaca-se a tese de Francisco César Ferraz intitulada “A guerra não acabou: reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)”(FERRAZ, 2003). Na sua tese, o autor trabalha entre outras coisas com questões referentes ao processo de rememoração dos mortos da FEB com a transladação dos corpos dos soldados brasileiros do Cemitério de Pistóia na Itália para o Memorial aos Mortos da FEB no aterro do Flamengo no Rio de Janeiro.

Segundo o levantamento de Ferraz encontramos processos de consultas que teriam sido elaborados pela Comissão de Repatriamento dos Mortos, encarregada de indagar aos parentes e familiares dos combatentes caídos em combate sobre sua preferência no que se referia a destinação dos corpos, entendendo-se que a adesão ao sepultamento coletivo no mausoléu em questão seria opcional.

A construção deste mausoléu, destino final dos corpos dos que morreram durante a Campanha da Itália, se insere num contexto marcado por uma série de conflitos, envolvendo o Exército, a Igreja e elementos da cultura popular ligados aos rituais fúnebres.

O Exército brasileiro havia, com a proclamação da República (1889) abolido o corpo de capelães militares e extinto todas as práticas religiosas no interior dos quartéis. A ampla disseminação dos ideais positivistas nas forças armadas levou não só à laicização das suas práticas, mas também a um acentuado anti-clericalismo.

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial colocou este compromisso institucional em cheque. Na eminência do embarque para a Itália, o corpo de capelães militares é recriado, sendo incorporados à Força Expedicionária Brasileira 25 (vinte e cinco) padres católicos e 2 (dois) pastores protestantes.

Logo após o início das operações militares na Itália é construído um cemitério militar em Pistóia, de características inequivocamente cristãs: seu solo foi consagrado, os mortos baixavam à sepultura com os ritos inerentes à sua religião, sobre cada túmulo era colocada uma cruz de madeira branca e, no pátio central do cemitério, foi colocada uma enorme cruz que dominava todo local. Com o traslado dos corpos para o Brasil em dezembro de 1960, abandonou-se toda e qualquer referência a Deus e à religião, assumindo o monumento – sob alguns protestos e muitas polêmicas – feições assumidamente cívicas e patrióticas.

Percebemos transformações nesta destinação dos corpos, passando de um local que ainda possuía elementos religiosos, como cruzes individuais, uma cruz central, visitas e homenagens no dia de finados com inúmeras flores e velas, para um local de características abstratas, sem elementos religiosos como cruzes, onde a questão da pátria é enfatizada com a presença de soldados das três forças que se revezam e com a ausência de demonstrações religiosas ou homenagens da população em geral durante o dia de finados.

Se entre as instituições encarregadas de organizar o conjunto de atitudes e providências que o indivíduo gostaria que fossem tomadas por ocasião da sua morte, a Igreja monopolizava toda esta ritualística percebe-se uma transformação. No que se refere ao desafio colocado pelo recurso as fontes do Exército Brasileiro para o enfrentamento destas questões é bastante claro. Afinal de contas, trata-se de uma instituição que era senão anti-clerical, certamente laica, e que apenas sob pressão das implicações decorrentes na participação em um conflito de dimensões mundiais, e mesmo assim somente à última hora, admitiu a incorporação de padres e sacerdotes à força destacada para lutar na Segunda Guerra Mundial.

Enquanto o Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia, no período de 1945 até 1960, recebia homenagens e visitantes civis italianos, brasileiros e outros, que entendem que aquele é um local de homenagem e rememoração da guerra, a partir de 1960 no Monumento aos Mortos

no Rio esta relação foi rompida pela caracterização do monumento como local cívico, em que não a memória individual do morto é celebrada, mas a instituição militar como um todo.

As discussões acerca da escolha do monumento são trabalhadas no artigo de Ricardo de Souza (ROCHA,2007), que coloca o Monumento inserido na confluência de várias séries: desde a mais geral, relacionada aos monumentos aos mortos ou caídos em conflitos. Esta categorização também pode ser subdividida por tipos: fúnebre, patriótico etc, Dentro destas séries da qual o monumento faria parte, também estão os "monumentos ao expedicionário" espalhados por todo o Brasil e pela Itália e do qual faz parte o bem menos conhecido Monumento Votivo Militar Brasileiro (1967), projeto de Olavo Redig Campos, localizado no Cemitério de Pistóia, na Itália.

Muitos elementos do Monumento aos Mortos foram inspirados em outras obras fúnebres militares, no caso, para o túmulo do soldado desconhecido veio daquele existente no Arco do Triunfo, em Paris: um pórtico abrigando o fogo simbólico, este modelo acabou sendo o mais adotado em inúmeros monumentos ao soldado desconhecido espalhados pelo mundo.

Este aspecto, inclusive passou a ser a convenção mais forte no caso brasileiro para representar o soldado desconhecido, já que no Monumento Votivo em Pistóia também a chama e o pórtico estão presentes. Hoje, lá se encontra um soldado desconhecido, cujo corpo só foi encontrado em 1967 na região de Montese na Itália pelos habitantes locais.

Segundo a abordagem de Ricardo de Souza, a idéia de uso público e acesso livre do espaço do Monumento aos Pracinhas privilegiou a visão da baía desde o solo, que configuraria numa localização privilegiada no Rio de Janeiro. Tal idealização teria relação com a idéia de que fora cumprida a promessa do Marechal Mascarenhas de Moraes, então comandante da FEB de que nenhum soldado brasileiro ficaria na Itália. Entretanto, como sabemos, outro soldado foi encontrado em 1967 quando todos os corpos já haviam sido trasladados e continua lá em Pistóia até hoje.

Também existia no projeto original a tentativa de articulação monumento-cotidiano, já que ao mesmo tempo se tornou espaço de "lazer" integrado ao Parque do Flamengo e lugar cerimonial e cívico.

Elementos significativos do embate entre o laico e o confessional na concepção do monumento está no fato da ausência de cruzeiros e imagens de santos. Ainda que para as famílias dos mortos tais imagens teriam maior significado num monumento que guardaria os corpos de

seus entes queridos, o Estado como financiador do projeto, preferiu destacar o caráter de monumento nacional, onde a pátria (e não os pais) homenageava seus filhos.

A idéia de mudar o local onde os despojos dos soldados brasileiros foram colocados de Pistóia para o Rio de Janeiro era uma promessa antiga do Marechal Mascarenhas. Difícil foi a sua conclusão. O então Cemitério Brasileiro Militar em Pistóia recebia inúmeros visitantes, na época era comum a existência de cemitérios militares estrangeiros na Itália, vide o ainda existente cemitério americano em Florença e mesmo o Cemitério dos alemães, perdedores e que usualmente seriam retirados do solo inimigo, mas que também possuem um cemitério em Pomezia na Itália. O caso brasileiro foi por isso específico, pois foi o único exército de aliados a transladar os corpos de seus mortos em solo italiano naquele período.

Este ano, nas comemorações dos cinquenta anos de construção do monumento, percebe-se que o mesmo é tratado com homenagens cívico-militares internas das forças armadas. Inclusive na semana que se iniciavam as comemorações, o mausoléu com a cripta contendo as urnas funerárias estava fechado para visitação.

Enquanto isso, um mês antes, pudemos perceber no agora denominado Monumento Votivo em Pistóia, onde as plaquinhas com os nomes dos mortos ficaram como homenagem aos mesmos, ainda hoje percebemos pela consulta aos livros de visitas como a população italiana e de brasileiros que visitam o local demonstram sua afetividade em mensagens deixadas nos livros, além de flores e alguns objetos pessoais de parentes que lutaram na FEB. Estas demonstrações nos permitem pensar que para estas pessoas aquele ainda é um território sagrado, e segundo o administrador do local, o senhor Mario Pereira, o dia de maior movimento de visitantes no monumento é o dois de novembro, mesmo sem a presença dos mortos ali.

Ainda segundo o administrador, ainda hoje existem parentes de mortos antes ali enterrados que por vezes desejam colocar cruzeiros nas antigas quadras em que estavam os soldados. A ligação do povo italiano com o monumento também é muito significativa da emblemática e positiva memória que a presença brasileira provocou na população.

Percebemos muitas diferenças na relação com a morte nestes locais construídos para celebrar a memória do morto, aqui e em Pistóia. A questão que se apresenta é que ao trazer tais restos mortais para o Brasil, procurou-se não homenagear os indivíduos e sim celebrar o próprio exército e a nação. A identidade de grupo passa a ser menos relevante na idéia de preservação de uma memória coletiva do que a identidade maior, no caso a nação.

Em seu trabalho Koselleck (KOSELLECK, 1997) compara a questão dos monumentos fúnebres na Alemanha, França e Itália e percebe estes como locais de lição de moral e civismo dada pelos mortos, a partir de seus túmulos. Neste sentido, o autor percebe a funcionalização das imagens da morte por meio dos interesses políticos dos vivos quanto aos monumentos aos mortos.

No Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no aterro do Flamengo, percebemos como estas questões aparecem de forma que o local seja espaço de comemoração das Forças Armadas Brasileiras, com abundante presença de elementos desta instituição. Os mortos, estes estão lá apenas para legitimar esta presença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. *Sobre a História da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa, Teorema, 1975.

_____. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, v1 e 2.

BOLETIM ESPECIAL DO EXÉRCITO. *Os mortos da FEB*, Rio de Janeiro, 1984.

BORGES, Maria Elisia (org) *Estudos Cemiteriais no Brasil: Catálogo de livros, teses, dissertações e artigos*. Goiânia: UFG, 2010.

CARVALHO, J. M. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. vol. 1. A sociedade em Rede, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

CASTRO, C. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CASTRO, C. & IZECKSOHN, V.(org). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: FVG, 2004.

COMBINATO, D. S. & QUEIROZ, M. Morte: uma visão psicossocial. In: *Estudos de Psicologia* 2006, 11(2), 209-216. KOVÁČZ, M. J. Wilma da Costa Torres (1934-2004): pioneira da tanatologia no Brasil. In: *Psicologia, Teoria e Pesquisa*. vol. 20 no.1 Brasília Jan./Apr. 2004

FERRAZ, F.C. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira*. Tese (Doutorado em História Social) USP, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. *L'expérience de l'histoire*. Paris: Seuil/Gallimard, 1997.

MCCANN, F.D. *Aliança Brasil-Estados Unidos (1937-1945)* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

_____. *Os soldados da pátria: História do exército brasileiro (1889-1937)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- MORAES, J.B.M. *A FEB pelo seu comandante*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.
- MUNIZ, P. H. *O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais*. In: Revista Varia Scientia, v. 06, n. 12, p. 159-169
- MARINHO, Hélio; NETTO, Marcos Konder. *Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial: memorial dos arquitetos*. Módulo, Rio de Janeiro, n. 6, p. 60-65, 1955
- _____. *Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: (mimeog.), s/d.
- MAUAD, Ana; NUNES, Daniela. Discurso sobre a morte consumada: Monumento aos Pracinhas. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. p. 73-92
- PROST, Antoine. *Les monuments aux morts*. In: NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*, Paris: Gallimard, 1997.
- ROCHA, Ricardo de Souza. *A arquitetura moderna diante da esfinge ou a nova monumentalidade – uma análise do Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material vol.15 no.2 São Paulo July/Dec. 2007
- SHERMAN, Daniel. *The construction of memory in interwar France*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- REIS, J. J. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.
- RIGONI, C. *Monumentos Brasileiros na Itália: honra e glória aos veteranos da FEB*. Curitiba, 2005.
- RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além A secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- _____. *A arte de bem morrer no Rio de Janeiro setecentista*. Varia Hist. 2008, vol.24, n.39, pp. 255-272.
- SCNEIDER, J. E. *Vivência de um ex-capelão da FEB*. Rio de Janeiro: Edições Rosário, 1983
- WINTER, J. *Sites Of Memory, Sites Of Mourning: The Great War In European Cultural History*. Cambridge University Press, 1998.
- _____. & SIVAN, E. *War and Remembrance in the twentieth century*. Cambridge University Press, 1999.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Imagens e Imaginário. Fantasma e certeza nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997.